

Papéis para fins sanitários

Angela Regina Pires Macedo, Elizabete Tojal Leite

PAPÉIS PARA FINS SANITÁRIOS

Angela Regina Pires Macedo
Elizabeth Tojal Leite*

PRODUTOS FLORESTAIS

**Respectivamente, gerente e contadora da Gerência Setorial de Produtos Florestais do BNDES.
As autoras agradecem a colaboração da estagiária Adriana dos Santos Lima.*

Resumo

O crescimento do consumo mundial de papéis para fins sanitários (papéis tissue) foi de 3,6% a.a. entre 1990 e 1996. No Brasil, a estabilidade conquistada com o Plano Real provocou um aumento de demanda de 8% a.a. no período 1993/96, com o consumo nacional atingindo 490 mil t em 1996, o que representou 26% de acréscimo em relação aos números de 1993. As perspectivas vislumbradas até o final da década para a evolução das demandas mundial e nacional são de taxas anuais da ordem de 3,5% e 6%, respectivamente.

Este artigo analisa, primeiramente, o comportamento recente da produção, do consumo e da comercialização de papéis para fins sanitários (papéis tissue) no Brasil e no mundo. Em sua parte final, são traçadas as perspectivas, até o final desta década, para os mercados doméstico e mundial.

Os papéis para fins sanitários (papéis *tissue*) apresentam-se sob a forma de diversos produtos finais (tais como papel higiênico, toalha, guardanapo e lenço), possuem baixas gramaturas (15 a 50 g/m²) e são produzidos a partir de diversos tipos de fibras, sendo as longas e recicladas as de maior utilização a nível mundial. A qualidade e o preço são os principais determinantes na competição, mas também a marca associada aos produtos constitui um elemento de diferenciação. As características mais desejadas pelos consumidores são a maciez e a capacidade de absorção, influenciadas, principalmente, pelo tipo de matéria-prima utilizada na fabricação. A fibra de eucalipto produzida pelo Brasil tem conquistado parcelas cada vez mais significativas no *mix* de fibras usado pelos fabricantes internacionais, exatamente por proporcionar maior maciez aos produtos *tissue*.

Introdução

A produção mundial de papéis *tissue* correspondeu, no período 1990/95, a 6% da produção total de papel, com crescimento anual médio ao redor de 3,6%, superior aos 3,2% a.a. registrados para o aumento da produção de papéis de todos os tipos. A produção e o consumo mundiais desta categoria de papel atingiram, em 1995, cerca de 16,5 milhões de t. Os números preliminares de 1996 indicam variações muito pequenas relativamente aos de 1995, devendo a produção e o consumo mundiais situarem-se no patamar de 16,2 milhões de t.

Produção e Consumo Mundiais

A participação dos principais países na produção e no consumo vem se mantendo praticamente constante nos últimos anos, com 60% da oferta e da demanda mundiais concentrados em cinco países: Estados Unidos, Japão, China, Alemanha e Canadá. O Brasil foi, em 1995, o 8º produtor e o 9º consumidor mundial (Tabela 1).

A América do Norte apresenta-se como o maior produtor e consumidor mundial, tendo registrado em 1995 e 1996 volumes da ordem de 6,2 milhões de t (38% do total mundial). Com um mercado maduro, o crescimento do consumo norte-americano de papéis *tissue* tem sido da ordem de 1,5% a.a. nos últimos cinco anos. A distribuição entre os produtos – papéis higiênicos (45%), toalhas (36%), guardanapos (13%) e lenço (6%) – difere da média apresentada pelos países em desenvolvimento, onde o consumo é concen-

Tabela 1

Produção e Consumo Mundiais de Papel Sanitário – 1995

PAÍS	PRODUÇÃO (Milhões de t)	CONSUMO (Milhões de t)	CONSUMO PER CAPITA (kg/hab./ano)
Estados Unidos	5,63	5,64	21,4
Japão	1,56	1,56	12,4
China	1,35	1,32	1,1
Alemanha	0,87	0,88	10,8
Canadá	0,62	0,60	20,6
Inglaterra	0,56	0,78	13,3
Itália	0,55	0,28	4,8
Brasil	0,46	0,46	2,9
Outros	4,90	4,83	–
Total Mundial	16,50	16,35	3,3

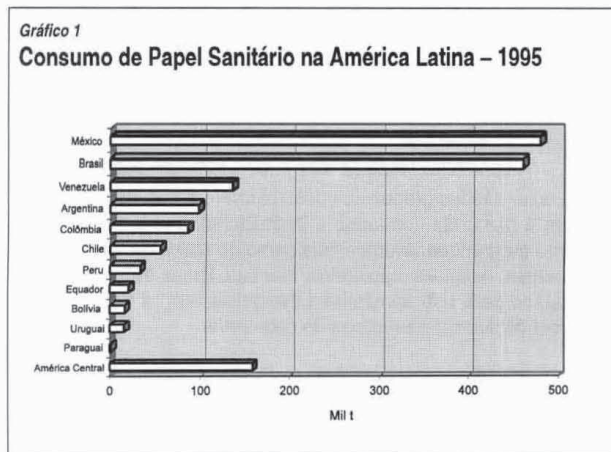
Fonte: BNDES.

trado (de 70% a 80%) em papéis higiênicos. Tal distribuição varia muito de país para país, sendo afetada, principalmente, pelos hábitos culturais, pela distribuição da renda e pelos crescimentos econômico e populacional.

A Europa Ocidental responde por 26% do consumo mundial de papéis sanitários, e os principais mercados, em 1995, localizavam-se na Alemanha (881 mil t), Reino Unido (777 mil t) e França (536 mil t). A vagarosa recuperação econômica e o alto índice de desemprego na Europa afetaram o mercado de *tissue*, levando os consumidores a comprar produtos mais baratos e de menor qualidade, comportamento que se refletiu em promoções e descontos por parte dos fornecedores. Em 1996, após o período das férias no hemisfério norte, o mercado de papel em geral – em especial o de *tissue* – apresentou uma demanda mais forte, embora ainda não se tenha refletido em aumentos significativos nos preços dos produtos.

Com 22% da demanda mundial, o Oriente Médio e o Extremo Oriente (excluindo o Japão) têm registrado as maiores taxas de crescimento para o consumo de *tissue*. Por exemplo, no período 1990/95, a taxa anual foi de 13% na China, 10% na Coreia do Sul e 8% em Taiwan. Tal comportamento é devido não só à melhoria do padrão de vida nesses países, mas também ao aumento do turismo e das redes de lanchonetes. Acrescente-se, ainda, a substituição de produtos tradicionalmente reutilizáveis, como lenços e toalhas de tecido. Ressalta-se que a Ásia (exclusive o Japão) apresentava, em 1995, um consumo médio *per capita* em torno de 0,5 kg/hab., superior somente ao verificado na África (0,3 kg/hab.), onde a República da África do Sul é responsável por mais da metade do *tissue* consumido em todo o continente africano.

A América Latina consumiu, em 1995, cerca de 1,47 milhão de t de papéis sanitários (9% do consumo mundial), sendo de 60% a participação conjunta do México e do Brasil (Gráfico 1). Em termos de consumo *per capita*, os maiores índices dessa região encontram-se no México (5 kg), Chile (4 kg), Brasil (3 kg) e Argentina (3 kg).



A demanda dos papéis sanitários é normalmente atendida por produtores locais, sendo a comercialização mundial inexpressiva (menos de 10% da produção), devido aos seguintes fatores:

- a relação volume/peso eleva o custo unitário do frete;
- as tarifas para importações protegem os mercados domésticos;
- há facilidade de produção a partir de fibras recicladas; e
- o capital requerido para a instalação de novas máquinas é relativamente baixo para uma operação em escala.

Dessa forma, a maior parte das transações se dá entre países localizados na mesma região geográfica, minimizando, assim, as distâncias a percorrer. As exportações mundiais atingem um patamar de 1,6 milhão de t/ano. Os dois maiores exportadores de papéis sanitários são a Itália e a Suécia, que contribuíram em 1995 com volumes de 300 mil t e 153 mil t, respectivamente. Os maiores importadores são a Inglaterra (243 mil t) e a França (173 mil t).

Verifica-se um comércio intenso entre os Estados Unidos, o Canadá e o México. Na Europa Ocidental, Itália, Suécia e Finlândia são exportadores líquidos, enquanto Reino Unido, Dinamarca,

Comércio Mundial

Alemanha e Espanha são importadores. Na América Latina, Brasil, Venezuela e Chile são os principais exportadores e a Argentina o maior importador.

Com o amadurecimento do Mercosul, ocorreu uma intensificação do comércio de papel entre seus países membros, sendo o Brasil o principal abastecedor de produtos *tissue* (22 mil t em 1995, metade destinada para a Argentina). O Paraguai representa um mercado potencial, visto que seu consumo *per capita* é inferior a 1 kg/hab./ano.

A comercialização desses papéis também pode ser dividida em dois grandes grupos de consumidores: doméstico, que compreende a demanda dos lares; e institucional, que diz respeito ao consumo de grandes volumes, tais como de redes de lanchonetes, restaurantes, hospitais, escritórios, fábricas, linhas aéreas e hotéis. O consumo para uso doméstico absorve de 60% a 90% do total, dependendo das características de cada país.

As cinco maiores empresas produtoras de papel *tissue* detêm cerca de 47% da produção mundial, sendo quatro norte-americanas (que possuem unidades fabris em diversos países) e uma européia (cuja produção se restringe ao continente europeu). Recentemente, a Kimberly-Clark assumiu a Scott Paper, tornando-se uma megaempresa do setor, com capacidade ao redor de 3,3 milhões de t/ano (20% da produção mundial). Logo após aparecem a James River, com 1,5 milhão de t/ano, a Procter & Gamble e a Fort Howard, cada uma com capacidade instalada de cerca de 1 milhão de t/ano, e por fim a maior empresa européia (SCA/PWA), resultante da fusão da sueca Svenska Cellulosa com a alemã PWA, com 750 mil t/ano. Cabe destacar que a Kimberly-Clark retirou-se do mercado brasileiro após a venda ao Grupo Melhoramentos, em junho de 1994, da sua subsidiária K-C do Brasil.

Nos últimos dois anos intensificou-se a pressão na Europa Ocidental relativa à adoção de selos ambientais para diversos produtos. O *tissue* foi a primeira categoria de papel a ter definida, pela União Européia, uma série de critérios de cunho ambiental, com vigência a partir de janeiro de 1995. Tais critérios visam garantir ao consumidor mínimos impactos ambientais durante o processo de fabricação e constituem-se de exigências quanto à utilização de fibras recicladas e de madeira proveniente de florestas com manejo sustentado, quanto ao consumo de energia e de outras fontes não renováveis e quanto às emissões de efluentes.

Apesar de ser voluntário, acredita-se que as empresas que aderirem ao selo contarão com uma grande vantagem para o *marketing* de seus produtos. Entretanto, as críticas ao *Eco-label* têm sido constantes, principalmente por parte de produtores localizados fora do mercado comum europeu. Em geral, as queixas são relativas à

pouca transparência quando da definição dos critérios, à discriminação contra os produtores integrados que utilizam fibra virgem (mesmo aqueles que contam com florestas de manejo sustentado) e os que consomem óleo e/ou carvão como combustível, ao privilégio para produtores da União Européia que usam fibras recicladas e à transformação do selo em barreira ao livre comércio entre países. Discussões à parte, o fato é que as novas máquinas de papéis sanitários, em todo o mundo, estão sendo projetadas para utilização de teores cada vez mais altos de fibras recicladas.

O consumo aparente de papéis para fins sanitários no Brasil, no período 1985/96, apresentou uma taxa de crescimento anual de 5%, sendo que entre 1993 e 1996 (após o advento do Plano Real) o consumo elevou-se em 26% (8% a.a.), devendo atingir 490 mil t em 1996 (Tabela 2).

Produção e Consumo Nacionais

Tabela 2

Brasil: Consumo Aparente de Papéis Sanitários – 1985/96

(Em Mil t)

ANO	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO APARENTE	CONSUMO PER CAPITA
1985	288	0	1	287	2,1
1986	294	0	1	293	2,1
1987	334	0	1	333	1,4
1988	365	0	2	363	2,6
1989	376	0	1	375	2,6
1990	404	0	2	402	2,8
1991	419	0	3	416	2,8
1992	442	0	16	426	2,9
1993	445	0	57	388	2,4
1994	429	0	15	414	2,5
1995	466	5	11	460	2,9
1996*	520	6	36	490	3,1

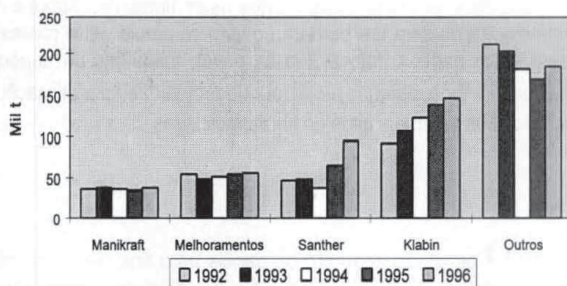
Fonte: ANFPC.

*Dados preliminares.

A produção está concentrada (95%) nas regiões Sul e Sudeste, com São Paulo respondendo por cerca de metade da produção nacional, enquanto na região Norte existe apenas uma unidade industrial localizada no Pará e duas na região Nordeste (Bahia e Paraíba). Em 1995, atuavam nesse segmento 43 empresas, embora 58% da produção venham de apenas quatro produtores: Klabin (27%), Santher (14%), Melhoramentos (10%) e Manikraft (7%) (Gráfico 2).

Gráfico 2

Brasil: Produção de Papel Sanitário – 1992/96



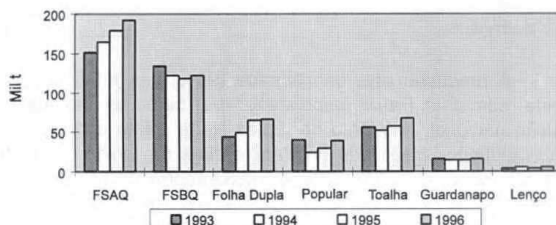
O crescimento registrado em 1993 no volume exportado foi devido à entrada em operação da máquina da Celucat (ex-Papel e Celulose Catarinense), do Grupo Klabin, com capacidade de 60 mil t/ano. Aliás, em termos de capacidade instalada de *tissue*, o Grupo Klabin ocupava, em 1995, a 17ª posição a nível mundial. Merece registro o início de produção, em julho de 1996, de mais uma máquina na Santher, com capacidade de projeto de 36 mil t/ano.

A distribuição da produção de *tissue* pelos diferentes produtos entre 1993 e 1996 revela um crescimento expressivo para os produtos de maior valor agregado, tais como papéis higiênicos folha dupla e folha simples de alta qualidade (Gráfico 3).

Em relação ao ano de 1996, a distribuição da produção mostra o seguinte quadro: papel higiênico (84%), toalha (12%),

Gráfico 3

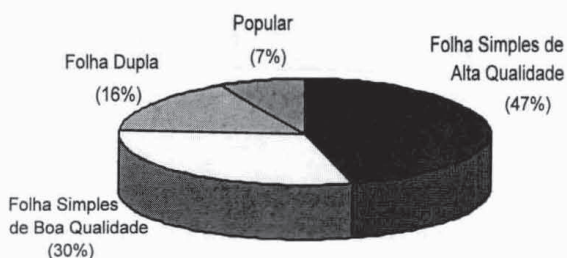
Brasil: Distribuição da Produção de Papel Sanitário – 1993/96



guardanapo (3%) e lenço (1%). Entre os vários tipos de papel higiênico, o de folha simples de alta qualidade respondeu por 47% da produção, seguido pelo de folha simples de boa qualidade (30%), folha dupla (16%) e popular (7%) (Gráfico 4).

Gráfico 4

Brasil: Distribuição da Produção de Papel Higiênico – 1996



A Klabin domina os segmentos de higiênico folha dupla (77%), higiênico popular (48%) e guardanapos (40%). No tipo higiênico folha simples de alta qualidade, a competição é mais acirrada, com Klabin (31%), Santher (27%) e Melhoramentos (16%) concentrando a produção. Por outro lado, observa-se que os pequenos fabricantes dedicam-se a papel higiênico folha simples de boa qualidade (81%) e toalhas (44%), produtos com grande participação de reciclados.

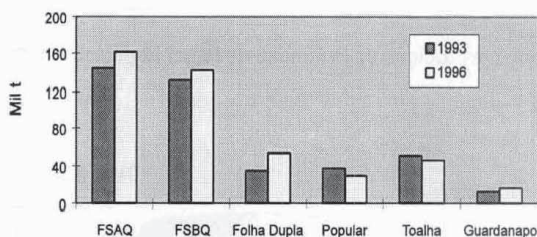
A melhoria de renda conquistada com o Plano Real provocou um expressivo aumento das vendas domésticas de produtos *tissue*, que se deveu não apenas ao ingresso de novos consumidores de baixa renda, mas também à migração para papéis de melhor qualidade. Observa-se que, entre 1993 e 1996, as vendas domésticas dos papéis higiênicos de alta e boa qualidade cresceram, respectivamente, 12% e 8%, enquanto o papel higiênico de folha dupla teve um incremento de 54% (Gráfico 5).

Estima-se, para os próximos 10 anos, a manutenção do crescimento do consumo mundial no mesmo patamar dos últimos anos, ou seja, da ordem de 3,5% a.a. Os países em desenvolvimento continuarão a deter as mais altas taxas (ao redor de 6% a.a.), como é o caso da China, de outros países asiáticos e da Europa Oriental, onde também o incremento do turismo e das redes de *fast-food* continuarão com peso relevante. Na América do Norte, o aumento

Perspectivas

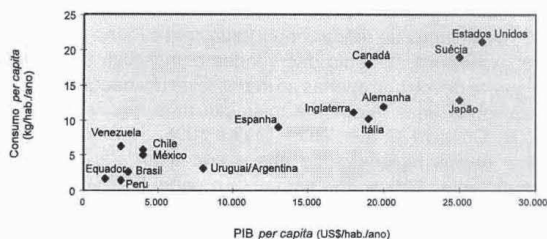
Gráfico 5

Brasil: Vendas Domésticas de Papel Sanitário – 1993 e 1996



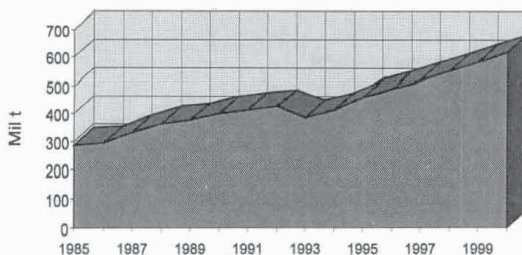
de demanda permanecerá na faixa de 1,5% a 2% a.a., enquanto que o consumo de *tissue* no Japão, na Europa Ocidental e na América Latina deverá crescer entre 3% e 3,5% a.a., impulsionado pelos crescimentos econômico e populacional e também pela elevação da renda. A acentuada correlação entre o consumo de produtos *tissue* e o PIB fortalece as perspectivas de mercado, tendo em vista a fase de crescimento que se espera para a economia mundial nos próximos anos (Gráfico 6).

Gráfico 6

Papel Sanitário: Consumo *per capita* versus PIB *per capita*

No Brasil, a manutenção da estabilidade econômica pode propiciar um crescimento sustentado para o consumo de produtos *tissue* à taxa média anual de 6% nos próximos anos. Nesse cenário, o consumo nacional deverá alcançar cerca de 619 mil t no ano 2000, representando um aumento de 129 mil t (26%) em relação aos números de 1996 (Gráfico 7).

Gráfico 7

Brasil: Consumo Aparente de Papéis Sanitários – 1985/2000

Para o atendimento do aumento previsto para a demanda, as maiores empresas do segmento planejam expansões de capacidade, o que demandará investimentos da ordem de US\$ 110 milhões (Tabela 3).

Tabela 3

Brasil: Consumo Aparente de Papéis Sanitários – 1996/2000

(Em Mil t)

	1996	1997	1998	1999	2000
Consumo Aparente	490	519	551	584	619
Produção*	520	546	573	602	632
Importação	6	7	7	7	7
Exportação	36	34	29	25	20
Capacidade Instalada	610	642	674	708	743

Fonte: BNDES.

*85% da capacidade instalada.

Os projetos de empresas de produtos *tissue* apresentados ao BNDES num período mais recente foram os da Santher e da Bacraft (Grupo Suzano). O aumento de produção previsto quando as novas máquinas estiverem operando a plena carga é de cerca de 60 mil t/ano (11% da produção brasileira de 1996). Os investimentos programados alcançam US\$ 60 milhões, e os desembolsos diretos do BNDES/FINAME já somaram US\$ 30 milhões até dezembro de 1996. A máquina da Santher (36 mil t/ano de capacidade) iniciou sua produção em julho de 1996, enquanto a partida da máquina da Bacraft (24 mil t/ano) está prevista para março de 1997.

Apoio do BNDES